

TRADUÇÃO

Discurso de formatura ao Conservatório de Música da Nova Inglaterra¹

Em 1968, Herbert Marcuse proferiu um discurso ao Conservatório de Música da Nova Inglaterra. Trata-se de um texto do teórico crítico voltado exclusivamente para a música. No Discurso, Marcuse mobiliza autores como Adorno, Hegel e Schopenhauer, e também músicos como Bach, Mahler e Schoenberg, explicitando as relações entre a música e a realidade estabelecida. [Resumo de autoria do tradutor]

Herbert Marcuse²

Profundamente tocado por ter sido escolhido para falar a vocês, músicos,

- vocês que irão trabalhar em um campo que não é o da minha profissão e estudo,
- no qual sou um estranho, um leigo.

1 Traduzido para a língua portuguesa com a permissão de Harold Marcuse, executor do *Literary Estate of Herbert Marcuse*, cuja permissão é necessária para qualquer publicação posterior. Todos os direitos de futuras publicações são retidos pelo Estate. O texto utilizado como fonte para esta tradução foi a versão presente nos *Collected Papers of Herbert Marcuse*, v. 4: *Art and Liberation*. London and New York: Routledge, 2007, p.140-148, editado por Douglas Kellner. Vale notar ainda que, como se trata de anotações de palestra de Marcuse, preservamos a forma com a qual o texto foi encontrado em seus arquivos. Tradução de Gabriel Dias, doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Ouro Preto, com pesquisa financiada pela International Herbert Marcuse Society. Email: gbds__@hotmail.com.

2 Marcuse fez um discurso de formatura ao Conservatório de Música da Nova Inglaterra em 7 de junho de 1968. Ele não foi publicado e constitui o único pronunciamento sobre música feito por Marcuse, por isso estamos apresentando suas anotações da palestra sem edição, conforme encontradas em seu arquivo sob o título, “Discurso de formatura ao Conservatório de Música da Nova Inglaterra.” Em uma tradução alemã, Peter-Erwin Jansen intitulou-a “Musik von anderen Planeten” [Música de outros planetas], após uma frase do compositor Arnold Schönberg, que Marcuse cita na palestra; ver *Kunst und Befreiung*, ed. Peter-Erwin Jansen (Lüneburg: zu Klampen, 2000), pp. 87-94. O texto foi encontrado sob o número 345.00 no arquivo de Herbert Marcuse em um conjunto de 19 páginas de anotações datilografadas, típicas do formato utilizado por Marcuse em palestras. Publicar as anotações da palestra tal como foram encontradas demonstra o trabalho metucioso que Marcuse colocava na preparação de cada palestra para a qual era convidado. As palavras em itálico no texto geralmente sinalizam as palavras que ele enfatizava na apresentação. As palestras de Marcuse eram ricas e substantivas, um evento emocionante, e o leitor aqui pode compartilhar a experiência de uma palestra de Marcuse sobre um tópico que ele nunca publicou. [Nota de Douglas Kellner, editor do volume *Collected Papers of Herbert Marcuse*, v. 4: *Art and Liberation*. London and New York: Routledge, 2007, p.130].

Mas, de fato, me sinto em casa aqui,

- no domínio das artes, da música;
- talvez mais em casa do que entre filósofos, sociólogos, cientistas políticos,
 - com os quais não pareço compartilhar o mesmo mundo, a mesma experiência.

Me sinto mais em casa no domínio das artes,

- porque meu trabalho me levou a acreditar que as artes, hoje mais do que nunca, devem desempenhar um papel decisivo na transformação da condição humana e da experiência humana,
 - um papel decisivo para nos ajudar a sair do mundo desumano, brutal, hipócrita e falso em que nos encontramos;
 - para nos ajudar a vislumbrar, perceber, e talvez até mesmo construir uma sociedade mais humana [*humane society*], melhor e livre.

Falo como um filósofo, um *filósofo político*; à música me relaciono *como consumidor*, embora “educado” por meu amigo *Adorno*, educado para me sentir em casa com Mahler, Schoenberg, Alban Berg, Webern, e até mesmo Stockhausen

- para vocês, provavelmente, “clássicos” antiquados!³

³ [Nota do trad.]: Em uma nota para o ensaio “Society as a Work of Art”, publicado também no volume *Collected Papers of Herbert Marcuse*, v. 4: *Art and Liberation*, Douglas Kellner escreve: “Marcuse respeitava muito o compositor de vanguarda Karlheinz Stockhausen. Na coleção particular de Marcuse, há um arquivo de Stockhausen com a descrição de uma “Semaine Stockhausen” em Paris (28 de maio a 4 de junho), um poema de Stockhausen de 14 de junho de 1969, bem como uma entrevista com Stockhausen na revista inglesa *Circuit* (*Circuit 7*, primavera de 1969, pp. 135-44). Embora não esteja claro a partir da referência de Marcuse aqui ou do material coletado exatamente quais obras de Stockhausen Marcuse está elogiando de forma tão extravagante ou por quê, uma passagem em *Counterrevolution and Revolt*, p. 116, sugere uma resposta: ‘Segundo Adorno, a arte responde ao caráter total da repressão e da administração com total alienação. A música altamente intelectual, construtivista e ao mesmo tempo espontânea e sem forma de John Cage, Stockhausen, Pierre Boulez podem ser os exemplos extremos.’ Obrigado a Charles Reitz por enviar esta citação e fazer a conexão”.

Como um filósofo,

abordo a música através de *Hegel* e *Schopenhauer*,

- que, acredito,

indicaram as qualidades em virtude das quais a música tem uma *função única na cultura*:

a mais livre, a mais auto legisladora das artes,

transcendendo o que é, o presente, e invocando o futuro:

- um futuro possível, necessário, *pelo qual devemos trabalhar*.

Para *Hegel*,

música é a arte *romântica*,

porque expressa a pura subjetividade, o mais íntimo ser do homem,

livre de todos os intermediários externos,

livre de todo material, dos limites do espaço,

- e

portanto, prenúncio de uma verdade não comunicável

em nenhuma outra forma,

em nenhuma outra linguagem!

E nesse conceito de singularidade [*uniqueness*] da música, ele *concorda com seu grande adversário*

Schopenhauer

- música é a única expressão livre, imediata da força que sustenta o universo,

- expressão da *Vontade*,

da vontade de viver, *da pulsão de Vida* [*the Life Instinct*].

- música não “representa”, não “imita”, como as artes visuais;

a música não é compelida, não é limitada a falar a linguagem, a linguagem abusiva e “falsa”, as palavras abusivas pelas quais mesmo a poesia mais extravagante está limitada.

Assim, para Schopenhauer também,
a música goza de uma *liberdade única*:

- *livre de*

palavras e imagens falsas, repressivas e enganosas, e de valores da existência falsa, repressiva e enganosa do homem,

- a música detém, *interrompe as forças que ocultam a verdadeira natureza do universo*

- ela *rasga o “véu de Maia”* e põe a vontade de viver *face a face com a realidade*, com a *verdade*: pois a música não expressa nenhuma dor, tristeza, alegria, desejo *subjetivos, pessoais e particulares*,

mas

dor, tristeza, alegria, desejo *por e em si mesmos*,

“objetivamente”, pois eles são a essência, a substância,

a verdade de nossa existência, de nosso universo, da *Vida*.

E ao trazer a vontade de viver face a face com a realidade não distorcida, livre do véu da ilusão,

a arte, e especialmente a música, *gera uma nova consciência*,

e um novo inconsciente:

- uma experiência traumática, um *shock*,

que *abre uma brecha* entre o indivíduo e a realidade estabelecida, “falsa” e distorcida;

Para Schopenhauer,

- arte, com seu *insight*, invoca a necessidade de *traduzir sua verdade “estética” em realidade*:

isto é, suspender a luta autodestrutiva pela existência,

- *paralisar a própria Vontade*,

- *rasgar o véu de Maia: recusar, negar o principium individuationis*:

- retornar à união original

- deixar-se ficar no *Nirvana*.

Música,

Arte é assim a grande força de negação:

- só ela dispõe da “linguagem” que rompe a aparência falsa e enganosa de nosso mundo, de nossa luta nele.

Devemos levar a sério esse pessimismo existencial:

- como a *grande recusa em aceitar a fé inescrupulosa no progresso*,

na marcha da história rumo a estágios cada vez mais elevados da razão e da liberdade,

- uma marcha que exige cada vez mais vítimas e sacrifícios,
- que levou aos campos de concentração nazista e aos campos de tortura do Vietnã.

E devemos nos agarrar à ideia de *arte*, música como o *grande poder de negação*:

- uma negação que, por sua vez, prepara o terreno para a nova afirmação:

literalmente: uma *música para o futuro, do futuro!*

- para nós: *não Morte, Nirvana,*

*mas: Início [Commencement]!*⁴

Deixe-me acrescentar algumas palavras, palavras de um leigo, a título de explicação.

Ao criar sua própria Forma, sua própria “linguagem”, a arte se move em uma dimensão da realidade

que é outra e antagônica à realidade cotidiana estabelecida; mas para que,

- ao “cancelar”, transformar, e até mesmo ao transubstanciar as imagens, palavras e sons dados,
- a música “preserva” a verdade esquecida ou pervertida delas, preserva-a dando a elas sua própria Forma, Harmonia, Dissonância, Ritmo, Dança, “belas”, e assim, a música embeleza, sublima e pacifica a experiência humana, a condição humana.

4 [Nota do trad.]: *Commencement* é a palavra utilizada em inglês para designar a cerimônia de formatura.

Criar *harmonia a partir do sofrimento*,
a *eternidade da alegria a partir da transitoriedade do prazer*,
justificar a dissonância,
cantar enquanto os outros só podem *falar*:
essa, eu penso, foi a *grande conquista cultural* da música tradicional:
- a afirmação na negação, *reconciliação*, afinal!

Essa reconciliação do irreconciliável é a incrível conquista do período que tem seu início em Bach,
- com Beethoven, a subjetividade pura emerge e exige seu direito e liberdade:
- ela exprime e, ao mesmo tempo, *se reprime*,
sublima sua experiência nas belas formas do clássico e romântico.

A tensão entre negação e afirmação,
rebelião e reconciliação,
desordem e forma é tensionada até o ponto de ruptura.

Este período chega ao fim com *Mahler*:

- “ele escreve sinfonias em uma época na qual se tornou impossível escrever sinfonias” (Adorno):
 - o último triunfo da bela forma,
 - da canção sobre o grito [*cry*],
 - a última *canção* da terra
(a ser seguida pelo *grito* [*cry*] da terra).

E então, a quebra, em Schoenberg:

“Sinto o ar de outros Planetas” [*Ich fühle Luft von anderen Planeten*]: (Fá sustenido menor):

- o *grito* [*cry*], a negação, a emergência de uma nova Forma a partir da dissolução da antiga:
 - “não podemos mais fazer música para o que está acontecendo”,

mas:

devemos fazer música porque respiramos ar de outros planetas:
ar fresco que pode afugentar o ar poluído;
uma tempestade que nem Bach nem Beethoven podem mais banir.

*“Roll over, Bach,
roll over Beethoven;
também: roll over, Schoenberg, Webern, etc.”?*

Os planetas cujo ar eles sentiram estavam muito distantes?

- sua negação permaneceu *“abstrata”*,
ou essa *negação*, apesar de toda destruição, *ainda estava comprometida com o passado*,
 - *incapaz de dar forma*, som, palavra *ao novo ar*, à nova música?
 - existem ainda *muitas “citações”* do passado, que não resistiram ao mundo de Auschwitz e do Vietnã?

Terá este mundo, o nosso mundo de hoje, *finalmente recusado a sublimação cultural*, a reconciliação do irreconciliável?

Em todo caso,

- a *distinção* consagrada pelo tempo *entre música séria e música popular* parece ter *desmoronado*:
- a Forma pura, na qual a substância e a beleza da música devem consistir,
 - parece ter cancelado (dissolvido) seus traços clássicos, românticos e até pós-românticos.

Acredito que o que está acontecendo é mais do que outra mudança de “estilo”, outra “moda”: algo muito mais radical,
uma transformação a relação da música com a sociedade, uma relação que pertence à própria essência e destino da música.

Nós começamos a entender o caráter histórico e a essência da música,
isto é,

o fato de ela ser composta por um *sujeito*
humano *para sujeitos humanos*.

e que,

em virtude desse fato, a composição “*incorpora*” um *duplo contexto histórico*:
a saber,

(a) o estágio alcançado do *desenvolvimento técnico* dos instrumentos,

e da abrangência e diferenciação do
sentido auditivo; e

(b) o *estágio alcançado de consciência*, de compreensão do horror da condição
humana.

Em ambos os níveis, a *sociedade* (suas capacidades, estrutura, ideologia) *entra na*
composição e no compositor,

- no arranjo artístico dos sons e movimentos

- e *abre a Forma* (que é a substância, o conteúdo da música) para aquilo que
acontece na *realidade social*:

É o *ponto de encontro* entre *tecnologia* e *arte*,

entre o ordinário *universo cotidiano* da experiência e aquele da *experiência musical*.

E desta forma,

o desenvolvimento interno da arte, da música, *responde a*, e
ao mesmo tempo *nega* a sociedade para a qual, e
contra a qual ela é criada.

Talvez essas reflexões abstratas e filosóficas permitam uma *hipótese* sobre o significado
do colapso da distinção entre música séria e música popular!

A música popular contemporânea, do Blues clássico ao Jazz e ao Rock and Roll, é *a*
legítima herdeira da música séria?

Nós, neste desenvolvimento, testemunhamos a *Aufhebung* [superação] da música séria:

- preservando o conteúdo que não pode mais ser expresso em formas “clássicas”,
- destruindo essas formas e substituindo-as por formas que podem *prelucir o fim da arte “tradicional”,*

e:

o fim *da sociedade cuja arte era essa!*

Explico!

a *diferença* entre música séria e música popular:

(apenas enumerando algumas qualidades gerais):

Música “séria”:

(1) alto grau de *sublimação* da experiência, e do protesto, negação,

- *expresso* no grau em que a Forma permanece *comprometida com o belo na música*
- na melodia, no ritmo,
- na “domesticação” de dissonância e distorção, sua subordinação à harmonia;

(2) alto grau de *contemplação*, como elemento-Forma e como elemento na recepção;

(3) uma “*estrutura fechada*”: fim e fim em si mesmo; “contendo” e restringindo sua força explosiva,

- *barrando, proibindo sua tradução em realidade =*

ela barra a tradução do *movimento* (dos sons) *no tempo em movimento* (do corpo do receptor) *no espaço* (Hanslick).⁵

(Isso reservado à música de dança e marcha à margem da música séria.)

Resultado:

5 [Nota do editor Douglas Kellner]: Marcuse está citando o crítico musical Edward Hanslick (1825-1904), autor de um livro bem conhecido, *On the Musically Beautiful*, G. Payzant, trad. (Indianapolis: Hackett Publishers, 1986), que desenvolve uma teoria musical altamente formalista. Em sua palestra aqui reproduzida, Marcuse tinha uma página de notas explicando a teoria de Hanslick, mas elas foram riscadas e, portanto, não foram incluídas.

(4) o espaço fechado da sala de concertos, do salão, do teatro de ópera, da igreja
como espaço musical:

- um espaço de segregação, uma reserva, *desligado* da outra realidade,
- daltônico, mesmo mudo e *surdo a um mundo inteiro que permanece “fora”:*
 - o mundo da *luta real pela existência.*

Sem mal-entendidos:

- arte (tradicional) *deve por necessidade sustentar essa segregação e reserva,*
- *somente nessa sublimação* ela poderia permanecer *arte.*

O que está em jogo é exatamente essa dimensão da própria arte:
a realidade ainda permite essa segregação e essa sublimação?

Aqui somos confrontados com o *caráter de classe* da música séria tradicional:

- música para quem tem os órgãos, educação e tempo para a sublimação produtiva, contemplação
- a boa consciência para o belo na tristeza, alegria, paixão, etc.
 - essa música era, em virtude de sua *Forma interna, música de classe alta e média*
 - ainda que composta por seus serviçais, dependentes, animadores.

Como vocês sabem, a *desintegração* desta Forma ocorre *dentro do continuum da música séria,*
mas,

parece que a *mudança qualitativa* é inspirada (talvez precedida?) “*de baixo*”:
música negra;

e,

não no sentido de inspirações *folclóricas*, enriquecendo e rejuvenescendo a tradição,

mas

como a erupção e expressão de uma vida, uma experiência fora e abaixo do universo da tradição, mesmo a tradição atonal,

- uma vida e uma experiência que não podiam levar a sério a música séria;

para a qual ela não tinha relevância;

- a música “negra” não apenas porque tocada e cantada por Negros, mas também porque, como o romance negro, ou o humor negro, ela rejeita e subverte os tabus consagrados da civilização:

- uma música *dessublimada*,

que *traduz* diretamente o movimento dos *sons em* movimento dos *corpos*.

- uma música *não contemplativa*,

que preenche a lacuna entre a criação e a recepção, movendo diretamente (quase automaticamente) o corpo para a ação espontânea,

- repelindo, torcendo, distorcendo o padrão de movimento “normal”: interrompendo-o por um padrão subversivo, movimento no local, recusa em seguir em frente

rebelião na alegria,

a exuberância da *repressão descartada* [*thrown off*];
mas também a consciência de opressão e degradação,
explodindo, imediatamente e sem as restrições artísticas impostas pela forma tradicional de beleza e ordem.

Concluindo:

Agora, o que tudo isso deveria significar para vocês neste dia?

Apenas a palavra de um leigo, um *outsider*:

vocês serão confrontados com

- algo que não é mais a coisa nobre, elevada e bela que era,

- não é mais a mais alta manifestação dos valores sublimes da cultura.

mas sim

algo mais vulgar, mais técnico, mais material:

uma arte que *parece negar-se como arte*

e,

ao *fazê-lo*, *alcança a realidade sem* sucumbir a ela -

- uma arte que *move uma geração inteira*, em todas as partes do globo,

a cantar, dançar e marchar

- *não* atrás de um sargento ou coronel,
- *não* ao som de belas restrições ou relaxamento camponês

mas

atrás de ninguém além de seus semelhantes, e ao som de seu próprio corpo e de sua própria mente:

Vocês se veem diante de uma *música dos oprimidos*

que nega e *desafia toda a cultura branca* como ela é experienciada pelos oprimidos.

De acordo com os padrões dessa cultura,

- essa música não é boa, não é bela e não é arte; mas é bagunçada, descontrolada.

Além disso,

- *muito de sua manifestação mais popular* tornou-se parte do *Establishment*,
- é feita pelo e para o mercado, para vender
- ramo da grande empresa de manipulação e *engenharia social*:
 - mobilização inofensiva e agradável dos impulsos.

Em ambos os aspectos,

em virtude de seu caráter subversivo, e

de seu compromisso com o mercado de agressividade e diversão dirigida,

o que ocorre

é que a “cultura mais alta” aparentemente não consegue mais se mover e permanecer dentro de seu domínio protetor.

E vocês,

expoentes e praticantes dessa cultura, *terão*, em seu trabalho, *que responder aos novos valores que invadem o reino da cultura*:

- os novos valores, as novas metas que se anunciam nos *gritos, choros e gemidos contra aquilo que é*, e por aquilo que pode e deve ser.

- uma vida sem medo, crueldade e opressão, que, os jovens sabem, é uma possibilidade real hoje!

Esses valores, esses impulsos querem ter voz, canto e ritmo,

- eles se rebelam contra as formas sublimadoras, harmonizadoras, consoladoras da tradição,
 - eles se tornaram o grito dos jovens em todo o globo;
- este é o protesto de homens e mulheres que perderam a paciência, que sentiram a mentira, a hipocrisia, a indiferença em nossa cultura, nossa arte
 - eles realmente querem “*música de outros planetas*”, planetas muito reais e próximos.

Assim,

A grande rebelião contra nossa civilização repressiva abrange o reino da música,

- e faz de vocês cúmplices ou adversários.

- vocês defenderão e resgatarão o velho, com suas promessas e formas ainda não cumpridas e ainda válidas,

ou

- vocês trabalharão para dar a nova forma às novas forças.

Em ambos os casos - vocês estão nessa!

Recebido em: 24.07.2023

Aceito em: 21.02.2024